

GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE EDUCADORES(AS) NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mariana Moreira de Queiroga¹
Josefa Jaqueline Batista Brito²
Nicolli Lira da Silva³

INTRODUÇÃO

Esse estudo foi desenvolvido a partir de indagações e reflexões de graduandas dos cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Propõe levantar reflexões acerca das atividades infantis desenvolvidas no espaço escolar, uma vez que as questões de gênero e sexualidade continuam sendo abordadas de forma extremamente negligenciada e machista na Educação Infantil. Objetiva refletir como as questões de gênero e sexualidade são trabalhadas por professores(as) na Educação Infantil. Mediante o pensamento dos/as autores/as, os/as professores(as) apontam que na Educação Infantil as crianças vivenciam e experienciam que oportunizam conviver com grupos sociais diferentes, tanto na escola como no seio familiar e social, assim, essas relações são importantes para efetivar as intencionalidades pedagógicas, ao tempo em que é preciso atentar para não perpetuar os "papéis de gênero" postos historicamente. Nesse sentido, o pensamento freudiano pontua a sexualidade como sendo um processo de construção do sujeito enquanto indivíduo, que implica um processo conflituoso de construção de identidade a partir do nascimento, assim, entendemos que é crucial trabalhar a sexualidade de forma coerente e sem tabus para que esta se construa consciente e não sofra violência de gênero que a falta de equidade, o machismo e a patriarcalidade patrocina. Dito isso, sabemos que o papel do educador na construção de uma sociedade justa é primordial e a escola é um meio facilitador para a construção dessa formação coletiva.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

¹Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras língua portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG marianamoreira201342@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras – PB, nicolilira20@gmail.com;

³Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras – PB, britojaqueline249@gmail.com.

A metodologia consiste em uma pesquisa bibliográfica, essa que para Angélica Sousa, Guilherme Oliveira, Laís Alves (2021), é um processo de investigação utilizada para solucionar, responder ou aprofundar os conhecimentos acerca dos fenômenos estudados, realizadas a partir do levantamento de referências teóricas que já foram analisadas e publicadas como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Nessa pesquisa foram investigados artigos e livros dos autores/as que discutem as questões de gênero ou de sexualidade como bell hooks (2013), Chimamanda Adichie (2017), Manuela D'Ávila (2019) e outros/as.

REFERENCIAL TEÓRICO

O arcabouço teórico parte das discussões e debates das aluna de pedagogia e letras, são elas provindas dos escritos da bell hooks, escritora negra estaduniense, onde ela nos devolve um ensino como prática pedagógica de liberdade e de ascensão. Dessa forma, a escritora negra nigeriana, Chimamanda Ngozi para compreendermos como funciona o manual de educação feminista, que nos orientou por um caminho sabio e didático na missão de transmitir igualdade de gênero entre as meninas e meninos da educação básica, e nos atentamos sobretudo a reconhecer as práticas de violação e opressão que desde cedo perpassa a vida das mulheres e desde cedo das meninas. Para somar, temos a Manuela D'Ávila que de forma suave e pedagógica descorre sobre as nuances do feminismo e a potência do movimento do que diz respeito a liberdade das mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

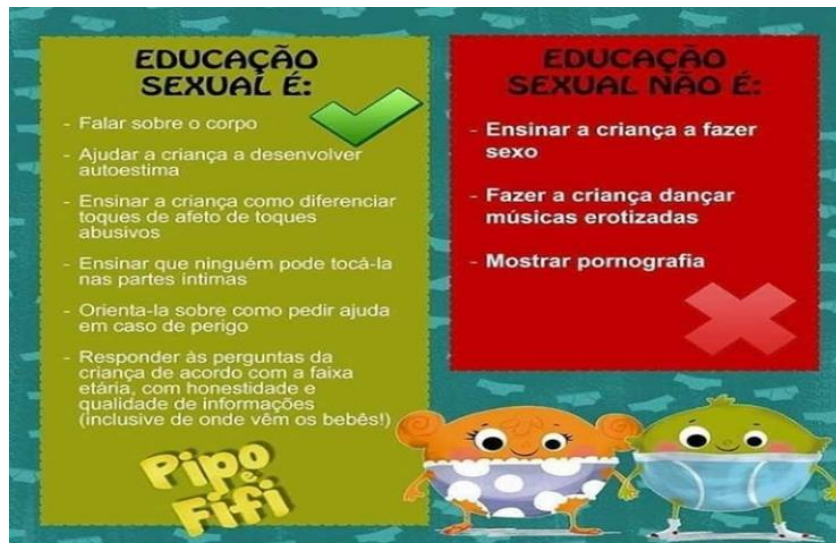
Mediante o pensamento das/os autoras/es utilizados no estudo, como D'ávila (2019) e hooks (2013), aqui tratando especificamente da Educação Infantil, as crianças vivenciam experiências que oportunizam a convivência com grupos sociais diversos, diversidades que se apresentam nas culturas, nas etnias, nas religiões, nas cores da pele, entre outros aspectos, tanto nos ambientes sociais, como a escola, e no âmbito familiar. Assim, essas relações que são estabelecidas possuem uma extrema importância para efetivar as intencionalidades pedagógicas, ao tempo em que é preciso atentar para não perpetuar os "papéis de gênero" postos historicamente e socialmente.

Freud (1976), pontua a sexualidade como sendo um processo de construção do sujeito enquanto indivíduo, que implica um processo conflituoso de construção de identidades a

partir do nascimento. Entendemos que é crucial trabalhar a sexualidade de forma coerente e sem tabus para que, o educando/a, mediado pelos educadores/as, construam conhecimentos sobre seus corpos, os limites dos toques, e identificação de situações de assédios e violências sexuais.

A seguir, a partir da figura (1), e amparadas no pensamento de atoras/es como D`ávila (2019), podemos compreender e refletir sobre algumas questões que perpassam as discussões sobre a Educação Sexual na Educação Infantil.

Figura 1: Educação sexual na Educação Infantil



Fonte: <https://lucianalimacastro.com.br/tag/sexualidade-infantil/>. Acesso em 09 de set. de 2023.

Para darmos continuidade, precisamos entender algumas questões. D`ávila (2019), nos possibilitou a compreensão de que o termo gênero, está ligado a construções sociais, e sexo biológico, a características naturais. Então, gênero é tudo aquilo que, a partir de construções históricas sobre os corpos de meninas e meninos, não é naturalmente “de menina ou menino”. Também é preciso apontar sobre identidade de gênero e orientação sexual, a primeira corresponde ao gênero que a pessoa se identifica, como o feminino e masculino, e também tem as pessoas que não se identificam com nenhum dos dois sexos, que são as não-binárias, se a pessoa se identifica com o sexo que nasceu, é cisgênero, se não, é transgênero, já a orientação sexual, designada a partir da sigla (LGBTQ+), que ganhou algumas outras letras, diz respeito a orientação sexual da pessoa.

Esses esclarecimentos são necessários para que possamos nos situar ao falarmos ou ouvirmos falar sobre a livre orientação sexual e a orientação/educação sexual nas escolas. As pessoas “confundem” e misturam sexo com gênero, orientação sexual com livre orientação sexual. Precisamos nos atentar quanto a isso, pois, o que apontamos aqui é o direito que as



crianças possuem de entender seus corpos através de conhecimentos construídos, também, nas escolas. As educadoras/es precisam, urgentemente, falar sobre educação sexual nas escolas, porque em 70% dos casos de estupros no Brasil as vítimas possuem até 17 anos de idade, e 50,9% tem até 13 anos de idade.

Os dados apresentados por D'ávila (2019), são assustadores e escancaram o quanto a falta de conhecimentos podem gerar traumas por toda uma vida e também mortes. Por esse motivo, defendemos que as crianças, desde cedo, possam receber orientações sobre como se protegerem da violência sexual, a identificarem situações de assédios, violências e a pedirem ajuda. Em um país onde, na realidade, em 30% dos casos de estupros, os estropadores são pessoas responsáveis pelas crianças, e 12% são pais e padrastos, a escola tem um papel fundamental na construção e disseminação de conhecimentos sobre Educação Sexual, que se tornam, uma das, se não a única, possibilidades de salvar uma criança vítima de violência, assim, como afirma D'ávila (2019):

“Falar do corpo não é ensinar sexo. Com crianças, educação sexual é falar sobre o que é afeto, privacidade, abuso. Ensinar a respeitar e defender o corpo, exemplificando que não é aceitável, por exemplo, que ninguém tire a sua roupa ou toque em suas partes íntimas. O problema é a falta de informação, não a conversa” (D'ávila, 2019, p. 60):

Dessa forma, trabalhar com a temática educação sexual na Educação Infantil é uma forma de cuidar e proteger as crianças, são sujeitos que possuem direitos assegurados pelo Estatuto da Criança e Do Adolescente – ECA, dentre estes direitos assegurados estão o direito a informação. Assim, essa educação sexual trabalhada nas escolas atende aos propósitos de respeitar e orientar as crianças sobre as expressões da sexualidade que surgem na infância; sanar as suas curiosidades sobre o tema; refletir sobre as questões de gênero, como também educar para o respeito à diversidade; promovendo a autonomia e o empoderamento sobre o próprio corpo; e prevenir a violência sexual infantil (Spaziani, et al, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões propostas, compreendemos a necessidade de trabalhar temas como a educação sexual nas escolas desde a Educação Infantil, porque é nessa fase que as crianças começam a moldar o seu ser e estar no mundo, ao tempo que entendemos ser um assunto delicado, por isso, atentamos para que seja tratado levando em consideração as faixas etárias das crianças para que elas possam entender o que estiver sendo apontado.

Dessa forma, é importante estabelecer conversas com os pais e responsáveis pelas crianças, uma vez que existem muitos tabus e estereótipos a respeito desse assunto, o que contribui para dificultar, ainda mais, a sua discussão no ambiente escolar. Atentamos para a inserção dessa temática na formação iniciada e continuada das educadoras/es para que possam ter uma base ao trabalhar essas questões.

O diálogo é fundamental nesse erguimento da formação infantil, e entendemos a partir do estudo teórico que é indispensável discutir a sexualidade desde os primeiros passos na educação infantil e vincular um contanto com os pais para trabalharem em casa de forma que as crianças tomem nota e o conhecimento construído no ambiente da sala de aula não fique vetado no seio familiar, mas que seja uma formação de abordagem múltipla.

Por conseguinte, notamos que a temática é bastante atual e merece atenção para futuras consturas científicas e laborais. Assim, trabalhar com o gênero requer muita resistência e disposição, pois não esquecemos que a sociedade é fundada no machismo estrutural e que haverá muitas lutas em virtude da igualdade de gênero na educação brasileira.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Educação Infantil, Metodologias.

AGRADECIMENTOS

Gratidão à UFCG *campus* Cajazeiras pela enorme contribuição acadêmica na formação das professoras/pesquisadoras e também ao CONEDU pela vivência acadêmica singular.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- D'ÁVILA, Manuela. **Por que lutamos?: um livro sobre amor e liberdade**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.
- SPAZIANI, Raquel Baptista; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Educação para a sexualidade e prevenção da violência sexual na infância: concepções de professoras**. Rev. psicopedag. [online]. 2015, vol.32, n.97, pp. 61-71. ISSN 0103-8486. Disponível em:



http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000100007.

Acesso em: 18 de nov. de 2023.

ZORNING, Silva Maria Abu-Jamra. **As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões.** *Psicologia em Estudo*, 34: p.73-77, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3YtZhqQJh3VNd4BR3gyxznk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 09 de dez. de 2023.